

# OS DEZENOVE

(Conclusão)

SERGIO MILLIET

A procura da matéria pelo acúmulo de tinta, a pincelada (o pincel batido por exemplo) ou a espátula, é uma solução enganosa. Nada mais falso, nada mais convencional, quase tão falso e convencional quanto o esfumado no desenho ou a fusão brumosa no óleo. Infelizmente esses truques se aprendem com rapidez e se tornam vícios. E' o que vemos em Huguette Israel e em Wanda Godoi Moreira que, pelo seu parentesco muito íntimo de moças prendadas, não desejamos separar em nossos comentários. Huguette Israel tem entretanto sobre a sua companheira a vantagem do desenho e quando trabalha em harmonias de tons frios (ns. 86 e 89) alcança certa delicadeza que revela uma sensibilidade mal fixada ainda. Em Wanda Godoi Moreira é a sensualidade que domina e quando ela encontra um assunto adaptável à sua escola atual consegue acertar. E' o caso da tela 245, de cor agradável, de tonalidade homogênea mas um pouco anárquica na composição, nos planos e nos valores.

O mesmo erro da pesquisa de matéria pelo acúmulo de tinta se depara em Jorge Mori que chega quase ao alto relevo. Com isso nada acrescenta a suas qualidades reais de pintor, que resistem, sob o sarampo da tela, como no n. 96, natureza morta cezarianana. E' no seu antigo estilo, porém, que Jorge Mori nos interessa, sendo suas melhores telas nessa exposição as de ns. 94 e 102. A primeira pelo movimento, o sentido da composição, a agudeza da observação, a desenvoltura com que trata as personagens, está um pouco abaixo da segunda, do ponto de vista da pintura pura, pois nesta o artista obtém em meios tons uma bela harmonia de rosas e cinzas verdes e azuis, tudo dentro de uma composição discreta mas sólida. A modestia do objetivo não o impede de mostrar sua sensibilidade. A extrema mocidade do pintor foi sem dúvida o que lhe deu a ambição de uma pintura escultórica, de uma confusão de gêneros infeliz. Mas seu talento é indiscutível.

Com Lothar Charoux saímos por certo dos novíssimos, pois além de ter 35 anos já expôs varias vezes em São Paulo. Seu progresso foi grande, caminhando agora para a conquista de uma personalidade que parece exprimir-se numa técnica feita de largueza e de equilíbrio. Se a tela 103 lembra lições cubistas, um cubismo antes de Severini ou de Derain que de Picasso ou Braque, a de n. 105 situa-se mais perto do expressionismo com seu jogo decidido de azuis, laranjas e amarelas. Ambas as telas se caracterizam pela limpeza do tom e pela procura de uma composição que seria excelente na de n. 103 não fosse um vazão ao lado da janela, abrindo um plano novo fora do conjunto. Na sua tela 114, muito boa, de verdes um pouco crus e terras quentes há menos procura e mais emoção.

Luis Andreatini, que tem gosto principalmente, como testemunham suas telas 120 e 124, e uma grande habilidade no jogo dos quentes e frios, acerta na composição sempre que não a procura. Nos seus quadros cubistas é de uma pobreza franciscana. Quanto ao desenho, hesita ainda entre a expressão pelo grafismo espontâneo (?) como na figura de n. 135 e a simplificação um pouco fácil do n. 130.

Luis Sacilotto, é exceção de uma ótima xilogravura (ou gravura sobre linoleum?) e de outra já menos boa (145 e 140) não me parece convincente na sua síntese.

Marcelo Grassmann é um grande temperamento, o melhor desenhista da exposição toda, com um traço elegante a serviço de uma invenção atormentada. Suas figuras, que parecem sair de um campo de concentração (162 em particular), são de um expressionismo marcado e revelam um fundo sentimental amargo, uma inteligência viva, voltada para a crítica. Sua facilidade é enorme, seu virtuosismo perigoso. Se conseguir vencê-los será possivelmente um grande artista.

Maria Helena ainda se ressentida de uma grande carencia técnica que a impede de realizar tudo o que imagina. Sua invenção é por enquanto sua melhor qualidade. Raramente a mão alcança o que o espírito cria (168 e 180 são os melhores trabalhos) e a pobreza do colorido monotoniza seus achados mais originais. E' a única surrealista da exposição e somente sob esse aspecto interessante. Nas flores e no resto muito fraca ainda e correndo desde já o risco de entregar-se ao convencionalismo da matéria pastosa e da pincelada batida (171).

Mario Gruber Correia apresenta um retrato de senhora de grande interesse, apesar da pobreza das cores chapadas, do desenho academico e do desequilíbrio de um roxo agressivo num fundo algo simplista. Seu quadro de n. 189 ganharia em expressão sem a "lapeação" da matéria da garrafa. O tom certo já era uma solução e uma solução honesta.

Maria Leontina Franco, que também não é uma novíssima (já foi premiada em 1946) melhora dia a dia. Parece-me a única, nessa exposição, a se exprimir com inteira sinceridade e a revelar soluções realmente originais. Sua arte morbida, muito próxima do expressionismo pelo desenho e de um fauvismo alterado pela cor, de uma matéria deliquescente, perfeitamente adequada à morbidez da visão, impressiona fundamente. Tudo é doentio nessa pintura, desde as cores até as formas, meninas que se fundem ao ambiente deleterio como flores agonizantes, figuras fantasmagóricas diluindo-se em fundos teatricos, feitos de verdes macerados e de sombras indecisas. Nos retratos, muito penetrante, dá-nos um Zuccolotto e um Vanzolini admiravelmente observados, ao lado de um Bonadei algo caricatural, mascara grotesca e menos feliz na propria realização pictórica, com passagens falsas e contrastes falhos.

Odetto Guersoni sem novidades nem muito temperamento. Pintura que procura ser honesta mas fracassa por falta de meios.

Otávio Araujo acerta no honesto desenho 217. Nos outros influencia de Grassmann de que precisa libertar-se.

Raul Muller da Costa, embora deva alguma coisa a Andrade Filho, interessa pela tentativa de construção realista a que parece dedicar-se. Abusa em verdade das complementares vermelho-verde e compõe sem muita segurança. Não tem medo do assunto entretanto e é capaz de ousadias que a muitos de seus companheiros atemorizam.